

THOMAS PYNCHON

Vício inerente

Tradução

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Thomas Pynchon

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Inherent vice

Capa

Elisa v. Randow

Ilustração de capa

© Visca. Nankin sobre papel, colagem e colorização digital. Tamanho: 21 x 30 cm

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pynchon, Thomas
Vício inerente / Thomas Pynchon ; tradução Caetano W. Galindo.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Inherent vice
ISBN 978-85-359-1774-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

10-10699

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Um

Ela veio pelo beco e pela escada dos fundos como sempre tinha feito. Havia mais de um ano que Doc não botava os olhos nela. Que ninguém botava. Naquela época era só sandália, a parte de baixo de um biquíni estampado de flores, camiseta desbotada da Country Joe & the Fish. Esta noite ela estava toda de uniforme das planícies, cabelo bem mais curto do que ele lembrava, exatamente com a aparência que jurou que jamais teria.

“É você, Shasta?”

“Ele acha que está pirando.”

“Acho que é só essa sua nova embalagem.”

Estavam parados sob a luz do poste na janela da cozinha que nunca viram por que cobrir com cortinas e escutavam as pancadas das ondas morro abaixo. Em algumas noites, com o vento certo, dava para ouvir as ondas na cidade inteira.

“Eu preciso de ajuda, Doc.”

“Você sabe que agora eu tenho um escritório? que nem um emprego normal e tudo?”

“Eu olhei na lista telefônica, quase fui lá. Mas aí eu pensei, melhor pra todo mundo se isso parecer um encontro secreto.”

Beleza, nada romântico nesta noite. Saco. Mas ainda podia ser um trampo pago. “Alguém está de olho?”

“Acabei de passar uma hora pelas ruas principais tentando fazer isso tudo parecer legítimo.”

“Que tal uma cervejinha?” Ele foi até a geladeira, tirou duas latas do engradado que guardava ali dentro, entregou uma a Shasta.

“Tem um cara”, ela estava dizendo.

Era de esperar, mas por que levar para o lado emocional? Se ele ganhasse uma moeda para cada vez que ouviu uma cliente começar desse jeito, podia estar lá no Havaí agora, chapado dia e noite, curtindo as ondas em Waimea, ou, melhor ainda, pagando alguém para curtir por ele... “Um camarada que reza pela cartilha do mundo careta”, ele deu um sorriso largo.

“Certo, Doc. Ele é casado.”

“Alguma... questão financeira.”

Ela sacudiu do rosto cabelos que não estavam ali e ergueu as sobrancelhas num *e daí*.

Numa boa, pelo Doc. “E a patroa — ela sabe de você?”

Shasta fez que sim. “Mas ela também está saindo com alguém. Só que não é só o de sempre — eles estão trabalhando juntos em algum planozinho macabro.”

“Pra sumir com a fortuna do maridinho, sei; pelo que ouvi, isso já aconteceu uma ou duas vezes na região de Los Angeles. E... você quer que eu faça o quê, exatamente?” Ele achou o saco de papel em que tinha trazido o jantar para casa e se ocupou de fingir que rabiscava anotações nele, porque paramentada ou não de moça direita, com ou sem maquiagem que não devia parecer maquiagem ou sei lá mais o quê, lá vinha aquela velha e mais que conhecida ereção que Shasta sempre fazia por merecer cedo

ou tarde. Será que isso nunca acaba, ele imaginava. Claro que acaba. Acabou.

Eles foram para a sala da frente e Doc deitou no sofá e Shasta continuou de pé e meio que vagando por ali.

“É, é que eles querem que eu entre no esquema”, ela disse. “Eles acham que eu sou a pessoa que pode chegar nele quando ele está vulnerável, ou o máximo que ele fica vulnerável.”

“Dormindo e com a bunda de fora.”

“Eu sabia que você ia entender.”

“Você ainda está tentando definir se isso é certo ou errado, Shasta?”

“Pior que isso.” Ela o perfurava com aquele olhar que ele conhecia tão bem. Quando lembrava. “Quanta lealdade eu devo a ele.”

“Espero que você não esteja perguntando pra mim. Fora as bobagens de sempre que as pessoas devem pros outros, elas estão numa boa—”

“Obrigada, o Correio Sentimental disse mais ou menos a mesma coisa.”

“Jóia. Deixando as emoções de lado, então, vamos ver a grana. Quanto do aluguel ele anda bancando?”

“Tudo.” Por apenas um segundo ele apanhou o velho olhar desafiador de olhos estreitos.

“Bem considerável?”

“Para Hancock Park...”

Doc assoviou as notas do tema de “Can’t buy me love”, ignorando a cara que ela fez. “Você está assinando promissórias de tudo, claro.”

“Seu bosta, se eu soubesse que você ainda era tão ranco-roso—”

“Eu? Estou apenas tentando ser profissional aqui, só. Quanto a patroa e o amigo do peito estavam te oferecendo de participação?”

Shasta disse uma soma. Doc tinha alcançado Rolls-Royces envenenados cheios de traficantes de heroína injuriados na Pasadena Freeway, andando a cento e quarenta na neblina e tentando achar o caminho em todas aquelas curvas cruelmente projetadas, ele tinha percorrido ruelas a leste do rio Los Angeles levando como única proteção um pente afro, emprestado, no bolso das pantalonas, tinha entrado e saído da Sala da Justiça sem largar uma pequena fortuna em erva vietnamita, e por esses tempos estava quase convencido de que toda essa era de imprudência tinha acabado, mas agora estava começando a se sentir profundamente nervoso de novo. “Isso...”, cuidado agora, “isso não é só coisa de umas polaroides pornográficas, então. Plantar droga no porta-luvas, nada assim...”

Antigamente, ela podia passar semanas sem nada mais complicado que um biquinho. Agora estava largando em cima dele uma mistura pesada de ingredientes faciais que ele nem conseguia interpretar. Vai ver era alguma coisa que tinha aprendido nas aulas de teatro. “Não é o que você está pensando, Doc.”

“Não se preocupe, pensar vem mais tarde. Que mais?”

“Eu não tenho certeza, mas parece que eles estão querendo uma internação em algum pinel.”

“Assim, legalmente? Ou algum tipo de sequestro?”

“Ninguém vai me dizer, Doc, eu sou só a isca.” Por falar nisso, também nunca houve tanta dor assim na voz dela. “Ouvi dizer que você está saindo com alguém do centro da cidade.”

Saindo. Bom, “Ah, você quer dizer a Penny? Uma menina boazinha das planícies em busca dos prazeres secretos do amor hippie, basicamente—”.

“Que também é uma espécie de estagiária da Procuradoria no escritório de Evelle Younger?”

Doc pensou um pouco no assunto. “Você acha que alguém de lá pode cortar isso pela raiz?”

“Não posso levar isso a tantos lugares assim, Doc.”

“Beleza, vou falar com a Penny, ver o que dá pra ver. O feliz casal em questão, eles têm nome, endereço?”

Quando ouviu o nome do coroa dela, ele disse, “Seria o mesmo Mickey Wolfmann que está o tempo todo no jornal? O figurão dos imóveis?”

“Você não pode falar disso com ninguém, Doc.”

“Surdo-mudo, ossos do ofício. Algum número de telefone que você gostaria de fornecer?”

Ela deu de ombros, fechou a cara, deu só um número. “Tente nunca usar.”

“Joia, e como é que eu entro em contato com você?”

“Não entra. Eu mudei do meu endereço antigo, estou ficando onde ainda dá, nem pergunte.”

Ele quase disse, “Aqui tem espaço”, sendo que na verdade não tinha, mas tinha visto ela olhando em volta, tudo que não tinha mudado, o autêntico alvo de dardos de pub inglês lá na roda de carroça e o lustre de puteiro pendente com a lâmpada roxa psicodélica com filamento vibratório, a coleção de miniaturas de carros envenenados feita totalmente de latas de cerveja, a bola de vôlei de praia autografada por Wilt Chamberlain com caneta marca-texto, a pintura em veludo e por aí vai, com uma expressão de, seria forçoso reconhecer, desgosto.

Ele a acompanhou morro abaixo até onde estava o carro dela. As noites da semana por ali não eram assim tão diferentes dos fins de semana, então esse canto da cidade já estava fervilhando de gente atrás de festa, bebida e surfe, que gritava pelas ruelas, gente chapada atrás de comida, caras das planícies que vinham para passar a noite cantando aeromoças, damas das planícies com empregos mais que pé no chão durante o dia esperando que as tomassem por comissárias de bordo. Morro acima e invisível, o trânsito no bulevar indo e vindo da rodovia pronun-

ciava melodiosas frases de escapamentos que seguiam em ecos rumo ao mar, onde as tripulações dos petroleiros que por ali deslizavam, ao ouvi-las, podiam tê-las tomado por animais selvagens cuidando da vida noturna em um litoral exótico.

No último bolsão de escuridão antes do brilho da Beachfront Drive, eles se detiveram, um gesto pedestre atemporal que por aqui normalmente anunciava um beijo ou pelo menos uma bunda apalpada. Mas ela disse, “Fique aí, pode ter alguém olhando”.

“Me liga, de repente.”

“Você nunca me decepcionou, Doc.”

“Não se preocupe, eu vou—”

“Não, sério mesmo, nunca.”

“Ô... e como decepcionei.”

“Você sempre foi honesto.”

Estava escuro na praia havia horas, ele não tinha fumado muito e não foram os faróis do carro — mas antes de ela desviar o olhar ele podia jurar ter visto uma luz cair sobre o seu rosto, a luz dourada logo depois do pôr do sol que apanha um rosto voltado para oeste, observando o oceano e esperando a volta de alguém na última onda do dia, de volta à praia e à segurança.

Pelo menos o carro dela era o mesmo, o Cadillac conversível que ela tinha desde sempre, um Eldorado Biarritz 59 comprado usado em uma das revendas da Western Avenue onde eles deixam os carros perto do trânsito para que ele varra o cheiro do que quer que estejam fumando. Depois que o carro partiu, Doc sentou em um banco na Esplanada, uma longa encosta de janelas acesas ascendendo atrás dele, e ficou olhando o luminoso espumar as luminosas flores das ondas e as luzes do trânsito de quem volta tarde para a cidade, ziguezagueantes pela longínqua colina de Palos Verdes. Ele passou em revista as coisas que não tinha perguntado, como quanto ela estava dependente do nível garantido de tranquilidade e de poder de Wolfmann, e o quanto

estava pronta para voltar à vida de biquíni e camiseta, e o quanto estava livre de arrependimentos? E a menos perguntável de todas, o quanto ela se sentia apaixonada, de verdade, pelo velho Mickey? Doc sabia a resposta provável — “Eu amo ele”, o que mais? Com a nota de rodapé tácita de que a palavra hoje em dia estava pra lá de vulgarizada. Qualquer um que tivesse a menor pretensão de estar na crista da onda “amava” todo mundo, isso para nem mencionar outras úteis aplicações, como atrair as pessoas para atividades sexuais em que podiam, se tivessem escolhido, não ter tanta vontade assim de se envolver.

De volta à sua casa, Doc ficou um tempo olhando uma pintura em veludo de uma das famílias mexicanas que montavam as suas barraquinhas de fim de semana ao longo dos bulevares que atravessavam a planície verde onde as pessoas ainda andavam a cavalo, entre Gordita e a estrada. Saindo das vans para as calmas primeiras horas da manhã vinham Crucifixões e Santas Ceias da largura de sofás, motoqueiros foras da lei sobre Harleys elaboradamente detalhadas, super-heróis durões com uniformes das Forças Especiais carregando M16s e por aí vai. Este quadro de Doc mostrava uma praia do sul da Califórnia que nunca existiu — palmeiras, moças de biquíni, pranchas, essa coisarada toda. Ele pensava nele como uma janela por onde olhar quando não dava conta de olhar pela de vidro do tipo tradicional no cômodo ao lado. Às vezes nas sombras a paisagem se iluminava, normalmente quando ele estava puxando fumo, como se tivessem mexido no botão de contraste da Criação só o suficiente para tudo ficar com uma aura, um contorno radiante, e prometer que a noite estava a ponto de se tornar épica, de alguma maneira.

Mas não esta noite, que só parecia mesmo era com trabalho. Pegou o telefone e tentou ligar para Penny, mas ela não estava, provavelmente dançando o Watusi noite adentro diante de um

advogado de cabelo curto e com uma carreira promissora. Para Doc, tudo joia. Depois ele telefonou para sua tia Reet, que morava no bulevar do outro lado das dunas em uma parte mais suburbana da cidade, com casas, quintais e árvores que tinham lhe valido o nome de Tree Section. Alguns anos atrás, depois de se divorciar de um ex-luterano do Sínodo do Missouri, com uma concessionária de Thunderbirds e uma queda pelas do lar insatisfeitas que se encontra em bares de pistas de boliche, Reet tinha se mudado de San Joaquin pra cá com os filhos e começado a vender imóveis, e logo logo já tinha sua corretora, que agora administrava a partir de um chalé no mesmo terreno hiperdimensionado da sua casa. Sempre que Doc precisava saber alguma coisa referente ao mundo dos imóveis, a tia Reet, com o seu fenomenal conhecimento terreno a terreno da ocupação de terras, do deserto ao mar, como gostavam de dizer nos jornais da noite, era a quem recorria. “Um dia”, ela profetizava, “vai haver computadores pra isso, você só vai precisar datilografar o que está procurando, ou melhor ainda, só falar com ele — que nem aquele HAL em *2001: uma odisseia no espaço?* — e ele vai te devolver na hora mais informação do que você podia pensar que queria, qualquer terreno na Bacia de Los Angeles, até as concessões de terra dos espanhóis — direitos de uso de água, pendências, históricos de hipotecas, o que você quiser, pode acreditar em mim, está pra chegar.” Até lá, no mundo real da não-ficção-científica, havia a percepção quase-sobrenatural que a tia Reet tinha da terra, das histórias que às vezes apareciam em documentos ou contratos, especialmente matrimoniais, as gerações de ódios familiares, grandes e pequenos, o curso geral da correnteza, ou o antigo curso da correnteza.

Ela atendeu no sexto toque. A televisão estava alta no fundo.

“Rapidinho, Doc, que hoje eu tenho uma ao vivo e ainda tenho que botar meia tonelada de maquiagem.”